

## **Análise do efeito analgésico de antidepressivos na dor crônica em pacientes atendidos no ambulatório de Reumatologia do SAS de Londrina-PR**

**Analysis of the analgesic effect of antidepressants on chronic pain in patients attended at the Rheumatology outpatient of SAS in Londrina-PR**

**Análisis del efecto analgésico de los antidepressivos sobre el dolor crónico en pacientes atendidos al consultorio de Reumatología del SAS de Londrina-PR**

Recebido: 14/08/2023 | Revisado: 25/08/2023 | Aceitado: 27/08/2023 | Publicado: 30/08/2023

**Maria Fernanda Guazeli Amin**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7756-7063>  
Universidade Cesumar, Brasil  
E-mail: ra-20011335-2@alunos.unicesumar.edu.br

**Ricardo Braga Amin**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8353-0046>  
Irmandade da Santa Casa de Londrina, Brasil  
E-mail: ricardo.amin@iscal.com.br

**Emilene Dias Fiuza Ferreira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6235-6462>  
Universidade Cesumar, Brasil  
E-mail: emilene.ferreira@docentes.unicesumar.edu.br

### **Resumo**

A dor crônica é aquela que persiste por mais de três meses e é um dos motivos mais frequentes de procura por atendimento à saúde, sendo considerada um problema de saúde pública. Estudos apontam que a quantidade de pessoas com dor crônica está aumentando e uma alternativa de tratamento é o uso de antidepressivos. O objetivo deste trabalho foi analisar o efeito analgésico de antidepressivos na dor crônica em pacientes atendidos no ambulatório de reumatologia do Sistema de Assistência à Saúde de Londrina-PR. A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário para coleta de dados. Após análise, dos 237 pacientes entrevistados, observou-se que a maioria dos pacientes com dor crônica tinha mais de 60 anos, eram do sexo feminino, casada e católica. A dor crônica foi prevalente em pacientes com duas ou mais comorbidades, com predomínio da hipertensão arterial sistêmica. Mais de 80% dos pacientes sentem dor há 1 ano ou mais e 67,9% referiram estar sentindo dor no momento da entrevista. A dor foi prevalente nos membros inferiores e 76% dos pacientes relataram que a dor impacta negativamente na qualidade de vida. Houve prevalência de osteoartrite como diagnóstico da dor. Dos pacientes entrevistados, 88 usavam antidepressivos e, entre eles, 82,2% faziam uso destes medicamentos há 1 ano ou mais e os mais usados foram Duloxetina e Sertralina. Entre os que usam antidepressivos, 79,5% sentiram melhora da dor. Assim, conclui-se que o uso de antidepressivo ajuda no controle da dor crônica, sendo eficaz em seu tratamento.

**Palavras-chave:** Antidepressivos; Dor crônica; Terapêutica.

### **Abstract**

Chronic pain is one that persists for more than three months and is one of the most frequent reasons for seeking health care, being considered a public health problem. Studies indicate that the number of people with chronic pain is increasing and an alternative treatment is the use of antidepressants. The aim of this study was to analyze the analgesic effect of antidepressants on chronic pain in patients treated at the rheumatology outpatient clinic of Sistema de Assistência à Saúde in Londrina-PR. The methodology used was the application of a questionnaire for data collection. After analyzing the 247 patients interviewed, it was observed that most patients with chronic pain were over 60 years old, female, married, and Catholic. Chronic pain was prevalent in patients with two or more comorbidities, with a predominance of systemic arterial hypertension. More than 80% of patients have felt pain for 1 year or more, and 67.9% reported feeling pain at the time of the interview. Pain was prevalent in the lower limbs and 76% of patients reported that pain had a negative impact on quality of life. There was a prevalence of osteoarthritis as a pain diagnosis. Among the interviewed patients, 88 use antidepressants and, among them, 82.2% have been using these drugs for 1 year or more and the most used ones are Duloxetine and Sertraline. Among those using antidepressants, 79.5% felt pain relief. Thus, it is concluded that the use of antidepressants helps to control chronic pain, being effective in its treatment.

**Keywords:** Antidepressive agents; Chronic pain; Therapeutics.

## Resumen

El dolor crónico es aquel que persiste por más de tres meses y es uno de los motivos más frecuentes de búsqueda de atención médica, siendo considerado un problema de salud pública. Los estudios indican que el número de personas con dolor crónico va en aumento y un tratamiento alternativo es el uso de antidepresivos. El objetivo de este estudio fue analizar el efecto analgésico de los antidepresivos sobre el dolor crónico en pacientes atendidos en el ambulatorio de reumatología del Sistema de Assistência à Saúde de Londrina-PR. La metodología utilizada fue la aplicación de un cuestionario para la recolección de datos. Luego del análisis de los 247 pacientes entrevistados, se observó que la mayoría de los pacientes con dolor crónico eran mayores de 60 años, del sexo femenino, casados y católicos. El dolor crónico fue prevalente en pacientes con dos o más comorbilidades, con predominio de la hipertensión arterial sistémica. Más del 80% de los pacientes han sentido dolor durante 1 año o más, y el 67,9% informó sentir dolor en el momento de la entrevista. El dolor predominó en los miembros inferiores y el 76% de los pacientes refirieron que el dolor repercutía negativamente en la calidad de vida. Hubo un predominio de la artrosis como diagnóstico de dolor. De los pacientes entrevistados, 88 usan antidepresivos y, entre ellos, el 82,2% hace 1 año o más que usan estos medicamentos y los más usados son la Duloxetina y la Sertralina. Entre los que usaban antidepresivos, el 79,5% sintió alivio del dolor. Así, se concluye que el uso de antidepresivos ayuda a controlar el dolor crónico, siendo eficaz en su tratamiento.

**Palabras clave:** Antidepresivos; Dolor crónico; Terapéutica.

## 1. Introdução

A Dor é definida pela Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP) como “uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial” (Desantana *et al.*, 2020). Sendo assim, a dor é subjetiva, individual e envolve meios externos.

A Dor Crônica é caracterizada por persistir um mês além do necessário para a cura da doença ou lesão causal, durando geralmente mais de três meses. Esse quadro gera comprometimento funcional e psicológico, principalmente por sua longa duração, além de causar incapacidade progressiva e impacto socioeconômico, interferindo diretamente no bem-estar do indivíduo (Dellaroza *et al.*, 2008). Desse modo, a dor crônica representa importante problema de saúde pública por sua magnitude, alta prevalência, custo de cuidados médicos, complexidade de tratamento e perda da capacidade produtiva. No Brasil, a dor crônica atinge cerca de 40% da população adulta e idosa, com predominância no sexo feminino (Rocha, 2021).

A modulação da dor acontece por vias nociceptivas através dos neurotransmissores. A lesão tecidual leva a ativação do nociceptor, gerando um estímulo nervoso transmitido do neurônio primário até o corno da raiz dorsal da medula. O neurônio, além de receber estímulo doloroso, também libera substâncias inflamatórias como bradicinina, substância P e prostaglandinas, estimulando o terminal nociceptivo. A inflamação gerada libera outros estímulos que vão para a raiz dorsal da medula, seguindo para tronco encefálico até chegar ao córtex somatossensorial primário (Golan, 2014).

O principal neurotransmissor nociceptivo aferente é o glutamato. O glutamato é liberado por meio da ativação de canais de cálcio pré-sinápticos, fazendo transmissão excitatória rápida entre o 1º e 2º neurônios aferentes, através da sua ligação com receptores ionotrópicos AMPA e NMDA. Assim, ocorre a despolarização pós-sináptica levando o estímulo doloroso ao sistema nervoso central (Golan, 2014). Em contrapartida, há uma regulação da transmissão sináptica na medula espinal que ocorre através de neurotransmissores, como serotonina e noradrenalina, que podem limitar a transferência da informação sensorial para o cérebro. A noradrenalina se liga ao receptor alfa2 adrenérgico acoplado a proteína Gi, inibindo o 2º neurônio eferente e, conseqüentemente, diminuindo o estímulo doloroso. A serotonina atua sobre vários subtipos de receptores, que medeiam efeitos excitatórios e inibitórios sobre a nocicepção e o principal receptor inibitório da serotonina é o 5HT1 que inibe o 2º neurônio eferente, diminuindo o estímulo doloroso (Golan, 2014; Goodman & Gilman, 2012).

O tratamento da dor crônica é um desafio na prática médica, uma vez que tem origem multifatorial e complexa. Assim, requer uma abordagem abrangente, incluindo os aspectos biológicos, físicos, psicológicos e sociais da dor (Rocha, 2021). As estratégias para o tratamento da dor crônica incluem formas não medicamentosas e medicamentosas (Crofford, 2015).

O tratamento não medicamentoso aborda as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, como acupuntura, auriculopuntura e aromaterapia, massoterapia, hidroginástica, psicoterapia, pilates, entre outros (Posso, 2021). Já o tratamento medicamentoso apresenta o uso de antidepressivos, principalmente os antidepressivos tricíclicos, como tratamento de primeira linha. Com o uso de antidepressivos tricíclicos ocorre o bloqueio da bomba de recaptação de noradrenalina e serotonina. Isso resulta em analgesia através do aumento da atividade das projeções noradrenérgicas e serotoninérgicas antinociceptivas que descem do cérebro para a medula espinal (Golan, 2014).

Dessa maneira, os antidepressivos são uma opção na prática médica na tentativa de aliviar a dor. Destaca-se também que os antidepressivos devem ser introduzidos gradativamente, uma vez que podem apresentar efeitos colaterais e, pode levar algumas semanas até que o paciente sinta os efeitos sobre a dor (Prudente, 2020).

Estudos apontam que o número de pessoas com dor crônica está aumentando mundialmente (Mills *et al.*, 2019). A dor crônica é um dos motivos mais frequentes de procura por atendimento à saúde e é considerado um problema de saúde pública, causando significativa carga social e incapacidade pessoal (Pereira *et al.*, 2017). O impacto da dor na vida do indivíduo é de extrema relevância. Nota-se a importância do conhecimento sobre os tratamentos da dor crônica com a finalidade de melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Além disso, é fundamental entender como os antidepressivos atuam na modulação das vias nociceptivas, tornando-se uma das principais classes de medicamentos usadas para tratamento da dor crônica (Schneider *et al.*, 2019).

Diante dessa problemática, os objetivos deste estudo foram analisar o impacto do uso de antidepressivos na dor crônica em pacientes acima de 18 anos atendidos no ambulatório do SAS de um hospital filantrópico de Londrina - PR, descrever as características sociodemográficas dos pacientes com dor crônica entrevistados através dos dados coletados, identificar os principais fatores desencadeantes da dor crônica nos pacientes atendidos no ambulatório de reumatologia do SAS e verificar a eficácia do uso de antidepressivo no tratamento da dor crônica na percepção do paciente entrevistado.

## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo transversal descritivo, de análise quantitativa e qualitativa, com ênfase em estudo de campo, com a finalidade de analisar, através de um questionário adaptado (Santos *et al.*, 2006; Cruz e Pimenta, 1999; Ruviano e Filippin, 2012) para este estudo, uma parcela da sociedade que possui dor crônica e utiliza antidepressivos como forma de tratamento medicamentoso. Foi questionado aos pacientes, também, sobre a sintomatologia da dor, os resultados causados pelo uso de antidepressivos e se foram realizados tratamentos não medicamentosos.

O universo amostral incluiu pacientes do sexo masculino e feminino acima de 18 anos com relato de dor crônica e uso de antidepressivos como tratamento, usuários do ambulatório de reumatologia do SAS da cidade de Londrina, que manifestaram o desejo de participar da pesquisa por espontaneidade. Os sujeitos da pesquisa foram submetidos à entrevista por meio de questionário estruturado composto por questões objetivas e descritivas sobre a sintomatologia da dor e uso de antidepressivos, seus efeitos colaterais e suas correlações no âmbito social e profissional.

O critério de inclusão foi a aceitação de participação de indivíduos do sexo feminino e masculino acima de 18 anos, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias de igual teor e forma. Foram excluídos da pesquisa os indivíduos do sexo feminino e masculino menores de 18 anos e que se recusaram a assinar o TCLE.

Os pacientes foram entrevistados utilizando-se de um questionário, com o objetivo de levantar informações pessoais, características da dor crônica e principais medicamentos antidepressivos administrados, entre outros. Além disso, a pesquisa foi baseada em literatura e artigos científicos disponíveis nas bases de dados Scielo, Pubmed, LILACs, Google Acadêmico e Periódico CAPES com assuntos pertinentes ao trabalho.

Dessa forma, houve análise estatística dos resultados obtidos pelo questionário e pesquisas, com o intuito de verificar

a eficácia dos antidepressivos no tratamento da dor crônica. Todos os procedimentos de intervenção deste estudo foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da UniCesumar para apreciação e foram desenvolvidos após sua aprovação integral. Os dados qualitativos e quantitativos foram tabulados, interpretados e apresentados em forma de recursos de informática (Microsoft Excel®, Microsoft Word®).

### 3. Resultados e Discussão

O Sistema de Assistência à Saúde (SAS) é um benefício concedido pelo Governo do Estado do Paraná, sem qualquer contrapartida financeira do servidor, garantindo atendimento médico-ambulatorial e hospitalar, em todo o Estado do Paraná, ao servidor público e seus dependentes e pensionistas, sendo Londrina uma das cidades que prestam serviço entre as 16 regiões distribuídas pelo Paraná.

No serviço ambulatorial uma das especialidades oferecidas aos usuários é a reumatologia, que atende uma grande quantidade de pacientes que apresentam dores crônicas ocasionadas por diversos fatores.

No período de março de 2022 até novembro de 2022, foi elaborado e aplicado um questionário estruturado, composto por questões objetivas e descritivas sobre a sintomatologia da dor e uso de antidepressivos, seus efeitos colaterais, e suas correlações no âmbito social e profissional. O critério de inclusão foi a aceitação de participação de pacientes do sexo feminino e masculino acima de 18 anos, mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Os pacientes foram atendidos por um médico reumatologista no ambulatório do SAS, em cujas consultas propiciou-se a aplicação do questionário para o levantamento de dados sobre informações pessoais, existência ou não de dor crônica, características da dor, principais medicamentos antidepressivos administrados e a percepção subjetiva desses pacientes quanto a seus efeitos. O período de aplicação do questionário foi do dia 22 de agosto de 2022 até 30 de novembro de 2022 e nenhum paciente se recusou a respondê-lo. O médico aplicou o questionário verbalmente e ele próprio preencheu as fichas, com exceção da marcação do local da dor no desenho apresentado e da assinatura de concordância com a participação, que foram feitas pelos pacientes.

Os procedimentos de intervenção deste estudo foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UniCesumar, número do Parecer: 5.590.670, consoante a resolução no 466/2012. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias de igual teor e forma, sendo lhes entregue uma via. Os dados coletados foram analisados e posteriormente tabulados no *Microsoft Office Excel® 2013* e para interpretação dos dados foi utilizado estatística descritiva simples. O questionário foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética da Irmandade da Santa Casa de Londrina, entidade que oferece os serviços do SAS na cidade.

Os resultados da análise de dados dos 237 entrevistados demonstraram que a maioria dos pacientes tinha mais de 60 anos de idade (50,64%), era do sexo feminino (89%) e casada (65,4%). A literatura aponta que, no Brasil, a dor crônica é estimada em aproximadamente 40% da população adulta e idosa, com predominância no sexo feminino, em concordância com a população estudada (Rocha, 2021).

No presente estudo, foi observada uma associação entre idade e dor crônica, em que houve maior frequência em indivíduos com mais de 60 anos. Esse fato é retratado em um estudo que relata que com o envelhecimento da população, os tipos de doenças mais prevalentes passam de doenças infecciosas agudas para doenças crônicas não transmissíveis e que 80% da população idosa brasileira tem pelo menos uma doença crônica não transmissível (Pereira, 2017).

Os dados demonstraram que uma maior prevalência de dor crônica foi encontrada entre indivíduos casados (65,4%), em concordância com a literatura, como o estudo de Santos *et al* (2006), que observou maior predominância de dor crônica entre indivíduos casados ou vivendo em companheirismo (58,9%) e o estudo de Carvalho (2018), que indicou que 47% dos indivíduos com dor crônica, eram casados. Porém, um estudo transversal feito por Sá (2009) relata que os viúvos e separados

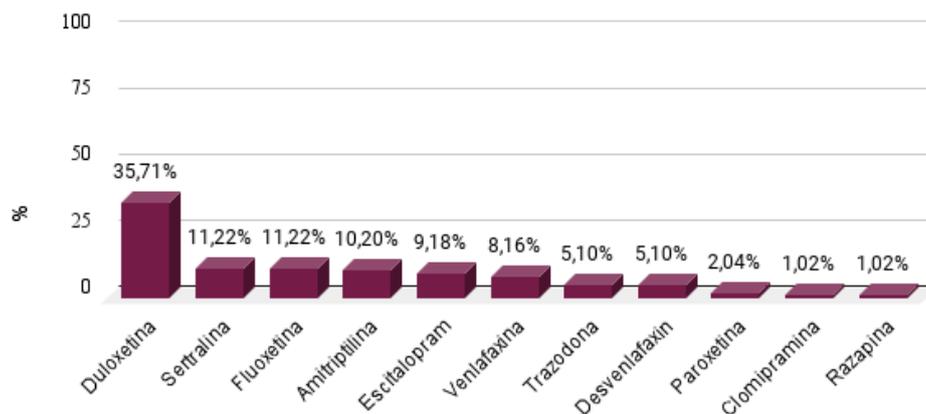
ou divorciados apresentaram maior risco de desenvolver dor crônica e, os solteiros apresentaram menor associação a este desfecho.

Em relação à religião, houve uma predominância da religião católica (61,18%), seguida da religião evangélica (24,1%) e, além disso, 84,4% dos pacientes entrevistados relataram que a religião ajuda na melhora da dor. Não foram encontrados muitos estudos que avaliam a influência da religiosidade em pacientes com dor, mas a pesquisa de Banks (2006) mostrou que os pacientes com níveis mais altos de religiosidade apresentaram um controle maior da dor.

Outra relação observada foi com o número de comorbidades, sendo que a dor crônica foi mais prevalente em pacientes que tinham duas ou mais comorbidades (42,2%) do que os pacientes com uma só comorbidade (32,49%) ou com ausência de comorbidades (25,41%). Dentre as principais comorbidades foi visto que a hipertensão arterial sistêmica foi a mais prevalente na população estudada, presente em 32,06%, seguida de dislipidemia (19,08%), hipotireoidismo (15,27%) e diabetes mellitus (10,3%)

Dos entrevistados apenas 37,13% usavam antidepressivos e, entre eles, a maioria usava o antidepressivo há 1 ano ou mais (82,2%). Os dados demonstraram que os antidepressivos mais usados eram a Duloxetina (35,71%), seguido de Sertralina (11,22%), Fluoxetina (11,22%), Amitriptilina (10,20%), Escitalopram (9,18%), Venlafaxina (8,16%), Trazodona (5,10%) e Desvenlafaxina (5,10%) (Figura 1).

**Figura 1** - Prevalência dos principais antidepressivos usados por pacientes do SAS de Londrina.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

De acordo com Rosa (2020), os antidepressivos tricíclicos, os inibidores seletivos de recaptação de serotonina e os duais são as classes de antidepressivos mais utilizadas na dor crônica, em concordância com o presente estudo. Atualmente, os antidepressivos duais, como a Duloxetina, são preferíveis em relação aos tricíclicos. Porém, segundo Rosa (2020), comparados aos inibidores seletivos de recaptação de serotonina, os tricíclicos são superiores, pois mesmo que sejam dose dependentes e apresentem diversos efeitos colaterais, são mais eficientes que os inibidores seletivos no controle algico.

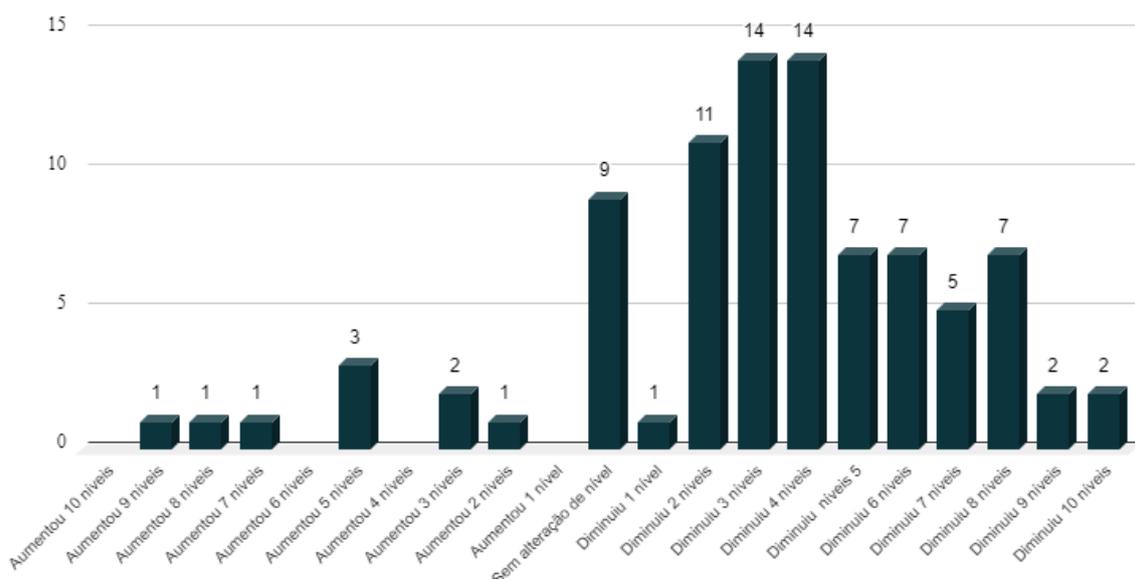
Com relação ao diagnóstico da dor, houve uma prevalência de osteoartrite (38,1%), seguida de fibromialgia (14,4%) e tendinite (11,4%). Dos 90 pacientes que apresentam osteoartrite, 30 fazem uso de antidepressivos e, entre eles, 80% referiram melhora da dor após usar o antidepressivo, 6,7% relataram não alteração da dor e 13,3% referiram piora da dor. Esse resultado corrobora com o estudo de Ferreira *et al* (2021), que demonstrou que evidências de certeza moderada mostraram que os inibidores seletivos de recaptação de serotonina reduzem a dor em duas semanas ou menos. Entretanto, o estudo de Leaney *et al* (2022) revelou que há evidência de alta certeza de que o uso de antidepressivos para osteoartrite não levou a uma melhora

cl clinicamente importante na dor e que os antidepressivos resultam em muitos abandonos da terapeutica devido a eventos adversos.

Após analisar os 88 pacientes que usam antidepressivos, 70 sentiram melhora da dor, 9 pacientes relataram não sentir melhora ou piora da dor e 9 sentiram piora da dor. Dos 70 pacientes que sentiram melhora da dor, 1,43% referiu que a dor diminuiu 1 nível na escala, 15,71% referiram que a dor diminuiu 2 níveis, 20% relataram que a dor diminuiu 3, outros 20% relataram que a dor diminuiu 4 níveis, 10% referiram que diminuiu 5 níveis, outros 10% relataram que a dor diminuiu 6 níveis, 7,14% referiram que a dor diminuiu 7 níveis, 10% relataram que a dor diminuiu 8 níveis, 2,86% referiram que a dor diminuiu 9 níveis e 2,86% referiram que a dor diminuiu 10 níveis (Figura 2).

Dos 9 pacientes que sentiram piora da dor, nenhum referiu aumento de 1 nível de dor na escala, 11,11% relataram que a dor aumentou 2 níveis, 22,22% referiram que a dor aumentou 3 níveis, nenhum paciente relatou que a dor aumentou 4 níveis, 33,34% relataram que a dor aumentou 5 níveis, nenhum paciente referiu que a dor aumentou 6 níveis, 11,11% referiram que a dor aumentou 7 níveis, 11,11% relataram que a dor aumentou 8 níveis, 11,11% relataram que a dor aumentou 9 níveis e nenhum paciente referiu que a dor aumentou 10 níveis (Figura 2).

**Figura 2** - Número de pacientes que referiram alteração ou não da escala de dor após o uso de antidepressivos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Os dados demonstraram também que 81,8% de pacientes sentiam dor há 1 ano ou mais, enquanto que 14% sentiam dor em menos de 1 ano e apenas 4,2% não sentiam dor. Foi analisado também se os pacientes estavam com dor no momento da consulta e a maioria (67,93%) relatou que estava sentindo algum tipo de dor, sendo que 30,8% referiram que não estava sentindo dor naquele momento e 1,27% não respondeu.

Foi observado que, dos pacientes entrevistados, 76,37% relataram que a dor trouxe problemas no trabalho, estudos, relacionamento e/ou lazer. Isso corrobora com estudo feito por Kanematsu (2022), em que foi verificada a diminuição na qualidade de vida associada à dor, além de limitação no desempenho nas atividades diárias. Assim, foi concluído que a dor crônica interfere na qualidade de vida com impacto negativo em níveis sociais, psicológicos, espirituais, físicos e emocionais dos indivíduos.

Em relação a localização da dor, os pacientes fizeram marcações nos locais em que sentiam a dor e foi observada prevalência nos membros inferiores (26,1%), especialmente tornozelos e joelhos, seguido de coluna (21,5%), membros

superiores (20,5%), ombros (19,5%) e quadril (9,7%). 2,7% dos pacientes não fizeram marcação. De acordo com a revisão sistemática de Aguiar (2021), os estudos de Dellaroza e Lini *et al* (2008) evidenciaram uma prevalência de membros inferiores na localização da dor (31,4% e 82,5%, respectivamente), em concordância com o presente estudo. Entretanto, na mesma revisão sistemática, o estudo de Kreling, Cruz e Pimenta relatou uma prevalência da localização da dor em cabeça, face e boca (26,7%), em discordância com o presente estudo. Provavelmente isso ocorreu devido às queixas mais prevalentes em reumatologia serem osteoarticulares

#### 4. Considerações Finais

A Dor Crônica é caracterizada pela disfunção do sistema somatossensorial por mudanças neuronais nas vias aferentes e/ou nos mecanismos de modulação dos estímulos nociceptivos e nas vias eferentes do sistema nervoso central. É um grande problema de saúde pública e pode contribuir para uma baixa qualidade de vida, prejudicar relacionamentos sociais e familiares, além de restringir atividades de vida diárias. Por isso, requer uma abordagem abrangente que envolva a análise de aspectos psicossociais, físicos e biológicos da dor.

Diante dos dados apresentados evidenciou-se que a prevalência de dor crônica nos pacientes atendidos no ambulatório de Reumatologia do SAS em Londrina-PR foi maior em mulheres do que em homens, em pessoas casadas, com idade maior de 60 anos, em consonância com a literatura e que o uso de antidepressivos no tratamento da dor se mostrou eficaz na maioria dos pacientes entrevistados. Os resultados obtidos apresentam informações preliminares relevantes de apoio às políticas públicas com a finalidade de direcionar o tratamento da dor, seja por meio de terapias medicamentosas ou não, melhorando a qualidade de vida dos pacientes. Assim, novos trabalhos acadêmicos e pesquisas científicas devem ser realizados na tentativa de contemplar uma abordagem multidimensional eficaz no acolhimento do paciente com dor.

#### Referências

- Aguiar, D. P. *et al* (2021) Prevalência de dor crônica no Brasil: revisão sistemática *BrJP*. 4(3):257-67
- Banks, J. W. (2006) The importance of incorporating faith and spirituality issues in the care of patients with chronic daily headache. *Curr Pain Headache Rep*. 10(1):41-6. 10.1007/s11916-006-0008-0.
- Carvalho, R. C. *et al*. (2018) Prevalence and characteristics of chronic pain in Brazil: a national internet-based survey study. *Br J Pain*. (4):331-8 10.5935/2595-0118.20180063.
- Crofford, L. J. (2015) "Chronic Pain: Where the Body Meets the Brain." *Transactions of the American Clinical and Climatological Association*. 126, 167-83.
- Cruz, D. A. L. M., & Pimenta, C. A. M. (1999) Avaliação do doente com dor crônica em consulta de enfermagem: proposta de instrumento segundo diagnósticos de enfermagem. *Rev. latino-am. enfermagem*, 7(3), 49-62.
- Dellaroza, M. S. G. *et al*. (2008) Caracterização da dor crônica e métodos analgésicos utilizados em idosos da comunidade. *Revista de Associação Médica Brasileira*, 1(54), 36-41.
- Desantana, J. M. *et al*. (2020) Definition of pain revised after four decades. *Brazilian Journal Of Pain*, 3(3), 197-198.
- Golan, D. E. *e col*. (2014) Princípios de Farmacologia: *A Base Fisiopatológica da Farmacologia*. Editora Guanabara Koogan, (3a ed.).
- Ferreira, G. E., *et al* (2021). Efficacy and safety of antidepressants for the treatment of back pain and osteoarthritis: systematic review and meta-analysis. 372:m4825. 10.1136/bmj.m4825.
- Kanematsu, J. S. *et al* (2022). Impacto da dor na qualidade de vida do paciente com dor crônica. *Rev Med*.101(3):e-192586.
- Lazkani, A. *et al* (2015) Healthcare costs associated with elderly chronic pain patients in primary care. *Eur J Clin Pharmacol*. 71(8):939-47. 10.1007/s00228-015-1871-6.
- Leaney, A. *et al* (2022). Antidepressivos para osteoartrite de quadril e joelho. *Banco de Dados Cochrane de Revisões Sistemáticas*, (10), CD012157. 10.1002/14651858.CD012157.pub2.
- Mills, S. E., Nicolson, K. P., & Smith, B. H. (2019) Chronic pain: a review of its epidemiology and associated factors in population-based studies. *British Journal Of Anaesthesia*, 123(2), 273-283.

- Paz, M. G. *et al* (2021) Factors associated with quality of life of older adults with chronic pain. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(2), 1-8 <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0554>.
- Pereira, F. G. *et al* (2017) Prevalence and clinical profile of chronic pain and its association with mental disorders. *Revista de Saúde Pública*, 96(51), 1-11.
- Posso, M. B. S. (2021) Integrative and Complementary Health Practices in pain treatment. *Brazilian Journal Of Pain*, 2(4), 97-98.
- Prudente, M. P. *et al* (2020). Tratamento da dor crônica na atenção primária à saúde. *Brazilian Journal Of Development*, 6(7), 49945-49962.
- Rocha, A. D. X. *et al* (2021). Prevalence of chronic pain and associated factors in a small town in southern Brazil. *Brazilian Journal Of Pain*, 3(4), 225-231.
- Rosa, A. *et al* (2020) Manual de Avaliação e Tratamento da dor. *Mauro Júnior (Org)*. Belém: Editora da Universidade do Estado do Pará.
- Ruviaro, L. F., & Filippin, L. I. (2012) Prevalence of chronic pain in a Basic Health Unit of a middle-sized city. *Revista de Dor*, 2(13), 128-131.
- Sá, K., Baptista, A. F., Matos, M. A., & Lessa, I. (2009). Prevalência de dor crônica e fatores associados na população de Salvador. *Revista De Saúde Pública*, 43(4), 622-630. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009005000032>
- Santos, C. C. *et al* (2006) Aplicação da versão brasileira do questionário de dor McGill em idosos com dor crônica. *Acta Fisiatr*, 2(13), 75-82.
- Schneider, J., Patterson, M., & Jimenez, X. F. (2019) Beyond depression: other uses for tricyclic antidepressants. *Cleveland Clinic Journal Of Medicine*, 86(12), 807-814.